

O Ambiente Saudável das Crianças

JOÃO GOMES-PEDRO

Healthy Environment for Children

Comemorou-se o Dia Mundial da Saúde, no ano de 2003 dedicado à temática: « Preparar o futuro: ambientes saudáveis para as crianças ».

Sábida a Organização Mundial de Saúde neste seu enunciado - « ambientes saudáveis para as crianças » que pressupõe um plural na rede ambiental que é, na inspiração de Ortega, a circunstância da criança.

Neste mesmo ano, resolvi propor aos meus alunos da Faculdade de Letras, onde também sou Professor, a seguinte questão numa prova de frequência que faz parte do seu calendário escolar:

« No dia 07 de Abril de 2003, celebra-se o Dia Mundial da Saúde dedicado este ano à Criança, com a seguinte designação:

«Preparar o futuro: ambientes saudáveis para as crianças»

Com base no que aprendeu nas áreas da Saúde Escolar e do que delas decorreu (sobretudo no que é referente à Escola Saudável), desenvolva esta temática num máximo de quatro folhas A4. Faça as necessárias referências bibliográficas, em caso de consulta. »

Fiquei surpreendido com o desenvolvimento temático de uma das alunas, porventura não tão familiarizada com os conceitos de saúde como seria o pressuposto para os meus alunos na Faculdade de Medicina.

Aquela aluna, da área das Literaturas, enunciou vários pressupostos tão óbvios quanto interessantes e que, estou

certo, seriam subscritos por todos os leitores.

Escreveu sobre os efeitos da poluição, sobre as dioxinas, sobre os nitrofuranos, sobre a resistência aos antibióticos, sobre os aditivos, sobre as drogas, sobre o tabaco, sobre o álcool.

Não deixou, porém, de explanar outros riscos, porventura inclusos noutra perspectiva ambiental e que tem a ver propriamente com as relações e com o ambiente psicossocial em que se centram e se desenvolvem as relações humanas.

Neste âmbito a mesma aluna não deixou de considerar que é neste mesmo contexto que se pode promover saúde, em função de uma educação para a tolerância, para a empatia, para o respeito mútuo.

Fiquei satisfeito com o ponto desta aluna dum curso que, só por via da Disciplina que leciono - Saúde Escolar -, passou a integrar conceitos de saúde nos do seu plano curricular.

Na reflexão que, necessariamente fiz, sobre o significado de um novo ensino aprendizagem que importa incluir na formação universitária e não só, dos nossos jovens, ajuizei que, inequivocamente, é precisa uma nova Alma-Acta o que é dizer que é suposto reconceptualizar um novo conceito de saúde, porventura ainda mais abrangente que o explicado naquelas breves quatro páginas de um ponto de exame.

A Clínica Universitária de Pediatria deste Hospital de Santa Maria, está atenta a esta reconceptualização epistemológica das abrangências da saúde, designadamente expressas na designação de «ambientes saudáveis», sobretudo quando referenciadas à criança.

Há sete anos organizámos uma Reunião Internacional em Lisboa, dedicada ao tema «Stress e Violência na Criança e no Jovem», em que o envolvimento ambiental implícito na

vida relacional da criança e do jovem era o propósito.

Há meia dúzia de meses, no Coliseu dos Recreios, numa Reunião Internacional ainda de maior amplitude, proporcionámos uma oportunidade especial em que sessenta e sete profissionais de excelência de várias áreas do saber, elaboraram os seus constructos em torno de um outro anel que incluo hoje, necessariamente, como uma exigência conceptual quando se perspectivam os ambientes saudáveis para as crianças.

Será, se assim se quiser, o anel mais interior dos ecossistemas da criança, porventura o mais influente na coerência da saúde de cada um.

Chamar-lhe-ei o ambiente interior da criança.

Dentro de dois ou três anos, os meus alunos, quer de Medicina, quer de Letras, estarão já preparados para incorporar, no seu conhecimento, a nova definição de saúde que a OMS não deixará, oportunamente, de propor.

Daqui a uns anos, um outro aluno numa outra prova de exame semelhante a esta, acrescentará algo mais na sua resposta temática.

Estamos muito em dívida para com Urie Bronfenbrenner pela sua concepção sobre a ecologia do desenvolvimento e donde decorre o que hoje assumimos como os sucessivos nichos constitutivos dos sistemas interiores e exteriores da pessoa humana.

A forma como cada pessoa se organiza em função dos seus nichos - o seu sentido de si, o modo como lê as suas relações familiares e outras, o modo como se adapta na sua comunidade - é, de longe, mais significativo que a constituição desses nichos ou do que a sua ordem espacial, na imagem dos anéis que há pouco usei.

Os seres humanos distinguem-se das outras espécies no modo como lutam para dar sentido às suas experiências e às suas relações.

O significado que lhes atribuem depende das crenças acerca deles próprios e da forma como interpretam as suas próprias relações anteriores.

Este significado pode mudar ao longo do ciclo de vida em função do stress, da frustração de expectativas, das mudanças de ambiente cultural.

Acontecimentos, infelizmente hoje na ordem do dia, tais como abusos sexuais, negligência ou catástrofes de que o exemplo mais paradigmático é a guerra, influenciam o modo como cada um se percebe a si próprio.

Acresce que, ainda mais importantes que as experiências em si mesmas, sobretudo as violentas, é o modo como a criança e família interpretam ou integram o que sentiram nos sistemas interiores da sua identidade.

Cada vez mais, o conceito de risco social tem de ser assumido na perspectiva de uma leitura de subjectividade, em função das experiências nos sucessivos períodos sensíveis do ciclo de vida de cada um.

Sabemos hoje através da neurociência que a vulnerabilidade é indirectamente proporcional à maturação ontogénica.

As chamadas relações precoces são, de facto, fundamentais.

Não se leia, porém, que é tão simplesmente a relação entre mãe e bebé, pai e bebé e, depois, todos os outros vínculos familiares o que vai influenciar todo o desenvolvimento posterior. O que passámos a saber é que é a experiência, ou melhor, a interpretação das transacções iniciais nos primeiros ambientes da criança, o que vai condicionar todo o futuro desenvolvimento emocional através das sucessivas expectativas que a criança vai construindo sobre si própria e sobre os outros.

Se as primeiras experiências do bebé forem contingentes, ou seja, de respeito e empatia, ele revê-se a si próprio como merecedor e mediador de afectos à medida que se torna criança, mais tarde jovem e depois adulto.

Ao invés, se uma criança vivenciar rejeições, negligência ou agressão à sua identidade, ela rever-se-á como não resiliente, sem sentido de pertença e, sobretudo, sem sentido de coerência face aos outros e face a si próprio.

A construção da violência começa aqui.

A não empatia e a não tolerância derivam destes primórdios.

O querer a guerra em vez do diálogo, radica-se neste mistério.

O desistir de si com projecção no insucesso escolar, nos comportamentos aditivos, na delinquência, resulta, quase sempre, das primeiras desadequações no primeiro sistema ambiental que é o da construção do eu.

A perturbação dos afectos que leva às taras do sexo, instala-se quando o sentido do eu é o da incoerência, sobretudo na área das emoções.

Num Dia Mundial da Saúde dedicado à Criança em que o propósito é «Preparar o Futuro» - o desafio é o do investimento num período sensível que só rende juros, no mínimo, dez anos depois.

Temos hoje a evidência científica que este será o mais rentável investimento do século.

Por tudo isto, penso ser significativa esta reflexão expressa como «**Ponto de Vista**» na Acta Pediátrica Portuguesa.